

CORPOS, METÁFORAS E DEUSES

Ana Cláudia Santos

I

Este ensaio apresenta uma leitura conjunta do pensamento de Vico e de Freud, procurando aproximá-los através de um interesse comum pelos princípios e tradições míticas da história da humanidade, em especial pela origem e evolução de certas formas religiosas. Partirei do pressuposto de que a originalidade de Vico, comparável à de Freud, encontra-se, em grande medida, na confiança na possibilidade de narrar a história de qualquer fenómeno humano desde as suas origens, com base na ideia de que traços mentais remotos são preservados pela memória, podendo ser recuperados através de métodos que privilegiam a imaginação – a colecção filológica (filosoficamente inspirada) no caso de Vico, a psicanálise no caso de Freud. Partirei das descrições que Vico faz da criação de Júpiter enquanto demonstração dos princípios poéticos das nações (conforme a edição de 1744 da *Scienza Nuova*), relacionando-as depois com o papel singular que Freud confere à figura de Moisés na sua história do monoteísmo.

Não se insere no escopo deste trabalho procurar demonstrar que Vico possa ter sido um precursor de Freud ou exercido qualquer influência sobre este, nem tão pouco aproximá-los sob o ponto de vista de que Vico é considerado um pioneiro de ideias caras ao Romantismo e Freud um

romântico tardio (o que não significa que seja incorrecto vê-los dessa forma; simplesmente não é o que irei aqui explorar). Saliente-se ainda que não sou da opinião de que Vico e Freud tenham procurado fundar de uma “ciência nova” pelas mesmas razões: a interpretação analítica dos mitos levada a cabo por Freud está, como se verá, profundamente dependente do seu trabalho no campo da psicanálise, enquanto a leitura de Vico da mitologia (considerada a fonte primordial de conhecimento da sabedoria e pensamento poéticos dos primeiros homens) é inspirada pela nova arte crítica anunciada na *Scienza*, na qual a “filosofia se dedica a examinar a filologia” (CN, 7)¹. Com a leitura de Vico e Freud que apresento, tentarei acima de tudo mostrar que há todo o interesse em ler Vico conhecendo Freud (e, conseqüentemente, em ler Freud conhecendo Vico)².

II

Vico defende que é necessário conhecer as origens de qualquer fenómeno humano para que este possa ser filosoficamente apreendido. Na *Scienza Nuova*, tal ideia é formulada nos seguintes axiomas: “Natureza das coisas não é senão o seu nascimento em certos tempos e em certas

¹ Giambattista Vico. *Ciência Nova*. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2005. Todas as citações da *Ciência Nova* serão retiradas desta edição, sendo indicadas apenas a abreviatura da obra (CN) e o respectivo parágrafo.

² Para mais contribuições para a questão das afinidades entre Vico e Freud, refira-se os artigos de Donald Phillip Verene, “Freud’s Consulting Room Archaeology and Vico’s Principles of Humanity: A Communication”, in *British Journal of Psychotherapy*, 13(4). 1997. 499-505; de Ernesto Grassi, “Vico versus Freud: Creativity and the Unconscious”, in *Vico: Past and Present* (Ed. G. Tagliacozzo). 1981. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press. Veja-se ainda o livro de Bruce Mazlish, *The Riddle of History: The Great Speculators from Vico to Freud*. 1966. New York: Harper and Row.

circunstâncias que, sempre que são tais, as coisas nascem tais e não outras” (CN, 147); e “As doutrinas devem começar desde que começam as matérias de que tratam” (CN, 314). A ciência de Vico assenta na verdade inquestionável da autoria humana do mundo civil. Nas suas palavras: “este mundo civil foi certamente feito pelos homens, pelo que se podem, porque se devem, descobrir os princípios dentro das modificações da nossa própria mente humana.” (CN, 331). Só os assuntos humanos podem ser estudados com certeza, porque existe uma identidade entre o sujeito e objecto do conhecimento. A ideia de que a mente humana só pode ser conhecida historicamente está também no centro do livro de Bruno Snell, *The Discovery of the Mind*. Snell partilha a intuição de Vico (e de Freud, como se verá) segundo a qual na mente se encontram preservadas as modificações por que passou, como se em cada indivíduo estivesse inscrito o padrão de desenvolvimento do pensamento humano, isto é, como se cada homem contivesse em si a história da humanidade, da qual é necessariamente parte integrante. No primeiro capítulo de *The Discovery of the Mind*, dedicado à análise do pensamento homérico, pode ler-se: “perhaps we shall be able to establish contact with Greek thought, not only through the medium of historical recollection, but also because the ancient legacy is stored in us, and we may recognize in it the threads of our own involved pattern of thinking”³. Assim, uma questão central da *Scienza*, enquanto história das coisas humanas e divinas (as religiões, os

³ Bruno Snell. *The Discovery of the Mind in Greek Philosophy and Literature*. Translated by T. G. Rosenmeyer. New York. Dover. 1982. ix.

matrimónios e as sepulturas, os princípios comuns das nações), é a fundação espontânea das religiões pagãs⁴, por razões apresentadas de seguida.

É importante referir que o objecto de estudo da ciência de Vico é a primeira humanidade gentilica, isto é, os gentios, aqueles que não seguiram a religião dos Hebreus. A história dos hebreus é separada da história dos povos gentios, e é esta última a que Vico procura reconstruir. Tal separação, legitimada pela própria Bíblia⁵, é central para perceber a *Scienza Nuova*. Vico estuda a história secular porque é essa a única passível de ser conhecida, deixando de parte a história sagrada, que, por conter a verdade revelada por Deus, não precisa de ser investigada ou interpretada. Vico afirma que “a história sagrada é mais antiga que todas as mais antigas das profanas que nos chegaram” (CN, 165), postulando a maior antiguidade da religião dos hebreus em relação às religiões fundadas pelas gentes (CN, 9). No entanto, não passa despercebido ao leitor da *Scienza* o facto de Vico partir do episódio bíblico do dilúvio universal para reconstruir a história dos povos não hebreus (CN, 9), bem como o facto de se encontrar qualquer interpretação posterior das histórias narradas na Bíblia⁶. O mundo das nações antigas dividiu-se entre hebreus e gentes porque “a religião hebraica foi fundada pelo verdadeiro Deus

⁴ Como escreve Vico, “o mundo civil começou para todos os povos com as religiões” (CN, 8).

⁵ Segundo o Génesis (9,20), Cam, um dos filhos de Noé, terá visto nu o seu pai, gesto que terá constituído uma transgressão ímpia análoga à que cometeram Eva e Adão levando-os à expulsão do Paraíso, determinando assim a divisão entre gentios e hebreus.

⁶ Giuseppe Mazzotta explora no capítulo “The Bible”, do seu livro *The New Map of the World. The Poetic Philosophy of Giambattista Vico*, a ideia de que existe, embora de modo fragmentário, uma interpretação da Bíblia na Ciência Nova (Giuseppe Mazzotta. *The New Map of the World. The Poetic Philosophy of Giambattista Vico*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press. 1999. 234-255).

com base na proibição da adivinhação” (CN, 167), com base na qual surgiram todas as nações gentias. A história, para Vico, é necessariamente a história dos povos aos quais esteve vedada a revelação do conhecimento do verdadeiro Deus; só estes passaram pelo processo evolutivo que se pode reconstruir, porque só estes tiveram de “aprender às suas custas” o que os hebreus sabiam pelo facto de serem o povo eleito de Deus (de Abraão a Moisés, a lei divina foi-lhes sendo transmitida). Enquanto a história dos hebreus é linear, a dos gentios desenvolve-se lentamente ao longo de três idades que, ciclicamente, se vão observando na história: a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade dos homens (que, segundo Vico, Heródoto confirma terem sido concebidas pelos Egípcios para representar o tempo do mundo que os precedeu – CN, 52). A história dos gentios é, portanto, aquela que pode ser feita e interpretada, tal como os seus autores foram os intérpretes do mundo pós-diluviano e os criadores das primeiras religiões e de todas as práticas relacionadas com a adivinhação.

Escreve Vico que foi necessário que tivesse transcorrido muito tempo após o dilúvio para que a terra pudesse produzir as exalações secas que geraram os relâmpagos, “devido aos quais os homens, aturdidos e assustados, se abandonaram às falsas religiões de tantos Jupiteres” (CN, 62). Portanto, durante esse longo decurso de anos, “as raças ímpias dos três filhos de Noé teriam andado num estado ferino, e com um vaguear ferino ter-se-iam espalhado e dispersado pela grande selva da terra, e com a educação ferina ter-se-iam tornado e comprovado gigantes no tempo em que pela primeira vez o

céu relampejou depois do dilúvio” (CN, 195). Vico constrói na *Scienza Nuova* uma teogonia natural, isto é, a história da “geração dos deuses, produzida naturalmente nas mentes dos homens primitivos” (CN, 7), a partir do tempo em que “tudo aquilo que os homens viam ou imaginavam, ou mesmo eles próprios faziam, tomavam como divindade” (CN, 69). Para Vico, foi Júpiter o primeiro deus e a primeira criação verdadeiramente humana, tendo cada nação gentia o seu (CN, 301). A criação de Júpiter consistiu na atribuição de sentido ao fenómeno natural dos trovões, o que permitiu que um mundo informe e caótico, dominado pelas sensações do corpo, adquirisse inteligibilidade para os homens. Esse gesto necessário e fundacional foi verdadeiramente a primeira forma de interpretação, como Vico explica no seguinte axioma: “A curiosidade, propriedade conatural do homem, filha da ignorância, que gera a ciência, ao produzir a abertura da nossa mente ao espanto, tem este costume: que quando observa um efeito extraordinário na natureza (...) imediatamente pergunta o que quer dizer ou significar tal coisa” (CN, 189).

Com a criação de Júpiter teve também início a história humana propriamente dita, pelo que o método da *Scienza Nuova* pretende que se comece a investigar a natureza comum das nações a partir “de uma qualquer cognição de Deus, de que os homens não estejam privados, mesmo que selvagens, ferozes e imanes” (CN, 339). Por serem bestialmente robustos (gigantescos, como se verá) e possuírem mentes que “em nada eram abstractas, em nada eram subtis, em nada espiritualizadas, porque estavam todas imersas nos sentidos, todas reprimidas pelas paixões, todas sepultadas nos corpos”

(CN, 378), aqueles homens imaginaram que a Natureza (os céus, os mares, a terra) era um conjunto de corpos, vastos como os seus. Imaginaram, em primeiro lugar, que os trovões lhes queriam dizer alguma coisa e, imitando o som que os atemorizava, gritando e rugindo, fizeram de Júpiter um deus fulminador. Acreditaram que “os raios e os trovões seriam sinais de Júpiter (...), que [este] ordenaria através dos sinais e que esses sinais seriam palavras reais, e que a natureza seria a [sua] língua” (CN, 379). Começaram assim a submeter-se à autoridade da própria entidade divina que fantasiaram e, por toda a parte, “as primeiras leis foram as divinas de Júpiter (...) de cuja antiguidade deve ter resultado, nas línguas de muitas nações cristãs, o tomar ‘o céu’ por ‘Deus’ (CN, 482).

Para Vico, com Júpiter nasceu também a primeira forma de poesia e a primeira metáfora, ao estabelecer-se uma identidade entre os trovões e a voz da entidade divina. Por conferir sentido às coisas que não o têm, a metáfora é, para Vico, uma “pequena fabulazinha” (CN, 404), uma forma de contar histórias e de encontrar explicações para o desconhecido. Ao afirmar que os primeiros homens eram poetas (isto é, imitativos) por natureza, tendo a poesia nascido de uma necessidade, e ao considerar a mimese e a capacidade de criar metáforas uma faculdade congénita à espécie humana, Vico aproxima-se da teoria das origens da poesia que Aristóteles concebe na *Poética*. Relembramos que Aristóteles apresenta duas causas para a poesia, ambas naturais: “Uma é que imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação

que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações”⁷. Os poetas viquianos são comparados a crianças pela sua vívida fantasia, por animarem e humanizarem coisas inanimadas, sendo “o mais sublime trabalho da poesia (...) dar às coisas insensatas sentido e paixão, e [sendo] propriedade das crianças tomar coisas inanimadas entre as mãos e, divertindo-se, falar-lhes como se elas fossem pessoas vivas” (CN, 186). Bruno Snell observa que o fenómeno de antropomorfização do mundo, que marcou para Vico o início da religião e da poesia, e que pode ser observado nos símiles homéricos (nos casos em que o nome de um órgão do corpo é usado em vez do nome da sua função, e que ainda hoje se verifica quando dizemos, por exemplo, que determinada pessoa tem um “coração mole” ou uma “boa cabeça”), caracteriza na verdade todo o entendimento humano. Quando olhamos para uma pedra e lhe atribuímos propriedades humanas, encontramos nas características da pedra os meios para nos definirmos (isto é, podemos ver-nos petromorficamente porque antropomorfizamos a pedra). O auto-conhecimento depende então da existência de coisas exteriores a nós, com as quais nos possamos comparar. Escreve Snell: “Man must listen to an echo of himself before he may hear or know himself”⁸. Nesse sentido, Júpiter foi o eco que permitiu que o homem se conhecesse e adquirisse consciência de si.

Um dos elementos mais férteis da ciência de Vico, ligado à separação já assinalada entre hebreus e gentios (estes os criadores dos deuses e da poesia,

⁷ Aristóteles. *Poética*. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2008. (1448b) 42.

⁸ Bruno Snell. *Die Entdeckung des Geistes* (1953). [The Discovery of the Mind in Greek Philosophy and Literature]. Translated by T. G. Rosenmeyer. New York: Dover. 1982. 201.

aqueles os eleitos de Deus e por isso excluídos de uma história que começa na ignorância e de um mundo de robustas fantasias), é a disparidade do tamanho dos seus corpos. A natureza poética dos gentios está associada a uma dimensão corporal gigantesca, enquanto os hebreus seriam de estatura comedida. Segundo Vico, existem “dois géneros de todo o primeiro mundo dos homens, (...) um de homens de corpulência justa, que foram apenas os hebreus, e outro de gigantes, que foram os autores das nações gentias” (CN, 372). Veja-se a explicação que Vico fornece para a origem do tamanho gigantesco dos corpos dos gentios: tendo-se dispersado pela Terra, os descendentes de Noé “renunciaram à verdadeira religião do seu pai comum”, a única que podia conservá-los na sociedade humana pelos matrimónios. Com a prática de relações sexuais incertas, as mães devem ter abandonado os filhos, que “devem ter crescido, pouco a pouco, não só sem ouvir voz humana, mas também sem aprender costumes humanos, pelo que chegaram a um estado, de facto animal e ferino”. Por sua vez, “as mães, como animais, devem ter amamentado somente as crianças, deixando-as rebolar nuas nas suas próprias fezes e, logo que desmamadas, abandonaram-nas para sempre; e estas (...), esforçando-se por penetrar na grande selva, que devido ao recente dilúvio devia estar densíssima, esforços com os quais deviam dilatar uns músculos para distenderem outros, pelo que os sais nítricos se insinuavam mais abundantemente nos seus corpos (...) – devem ter aumentado desmesuradamente as carnes e os ossos, [ter] crescido vigorosamente robustas e, assim, terem-se tornado gigantes” (CN, 369). Só mais tarde, com a limpeza

dos corpos e com “o temor dos deuses e dos pais”, que devem “ter sido nos primeiros tempos pavorosíssimos, aconteceu que os gigantes se foram tornando mais baixos até às nossas justas estaturas” (CN, 371).

O que é particularmente interessante neste relato é a ideia de que os corpos dos primeiros homens perderam em tamanho o que ganharam em características de civilidade (o que, por sua vez, perderam em imaginação e vitalidade criadora). A emergência do sentimento religioso e da consciência de si, resultado da criação de Júpiter, originou assim a perda de matéria corporal, formando corpos de tamanhos adequados. Júpiter fez nascer ainda nos homens o sentimento de pudor, levando aqueles que eram mais conscientes a deterem-se em lugares recônditos, “onde, estabelecidos com certas mulheres, pelo temor da divindade perseguidora, às escondidas, com ligações carnavais religiosas e pudicas, celebraram os matrimónios e fizeram filhos certos, e assim fundaram as famílias” (CN, 13). De acordo com o padrão filogenético que Vico revela na sua ciência, os primeiros homens, gigantes e gentios, vão-se aproximando do tamanho e dos costumes dos hebreus. Podemos perguntar, neste ponto, o que os terá levado, segundo Vico, a submeter-se espontaneamente à ordem e à disciplina da divindade que eles próprios criaram. A resposta é também filogenética: os instintos e a sexualidade tiveram de ser controlados e reprimidos para que a humanidade e a sociedade evoluíssem. Porque não podiam para sempre errar pela terra como animais ferozes, os gigantes estabeleceram-se debaixo dos montes; “começou a despontar neles a virtude do ânimo, contendo-se de exercitar a sua libido

bestial à face do céu, de que tinham um enorme pavor; e cada um deles se pôs a arrastar para si uma mulher para o interior das suas grutas e a mantê-la lá dentro em perpétua companhia até ao fim de sua vida; (...) e, assim, começaram a sentir pudor (...)” que, com a religião, “é o outro vínculo que conserva unidas as nações, tal como a audácia e a impiedade são aquelas que as arruínam” (CN, 504). Veremos agora como a oposição que Vico estabelece entre as dimensões gigantescas dos gentios e a estatura justa dos hebreus encontra um eco nas considerações de Freud sobre as origens do monoteísmo judaico.

III

É possível afirmar que Vico e Freud se encontram unidos pela convicção de que o desenvolvimento do indivíduo e o desenvolvimento da sociedade se reflectem mutuamente. Em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud defende que o surgimento da consciência de si na vida de um indivíduo é comparável ao momento histórico em que o homem começou a pensar-se como homem. Assim, o “sentimento do eu do homem adulto não pode ter-se mantido igual a si próprio desde o início. Terá de ter conhecido uma evolução que, não sendo demonstrável (...) pode mesmo assim ser construída com razoável probabilidade”⁹. Freud encontra ainda similaridades entre a história da civilização e o desenvolvimento da libido de um indivíduo – daí que, para

⁹ Sigmund Freud. *Das Unbehagen in der Kultur* (1930). [O Mal-Estar na Civilização]. Tradução de Isabel Castro Silva. Lisboa: Relógio d'Água Editores. 2008. 12.

compreender a sexualidade humana, seja necessário analisar a sexualidade infantil. Se o que distingue o homem dos outros animais é a consciência de si, essa é também uma consciência sexual, isto é, o homem é o tipo de animal que se pensa enquanto ser sexual. Como foi apontado na *Scienza Nuova*, o início da consciência de si está ligada ao impulso religioso, a partir do qual surgiram o sentimento de pudor e a repressão dos instintos sexuais – para Freud, a civilização é o grande inimigo da sexualidade e da agressividade que esta naturalmente encerra. Nesse sentido, as crianças, consideradas os “actuais primitivos” (noção partilhada por Vico mas também por Rousseau), são uma fonte privilegiada na análise de estádios mentais arcaicos. As explicações fabulosas que as crianças engendram para o assunto da sexualidade (aquilo que mais profundamente as interessa) estão ao nível das primeiras tentativas humanas de explicar o mundo – designadamente, as religiões politeístas, com as suas imagens e ídolos. As investigações sexuais das crianças são para Freud o paradigma da curiosidade e da imaginação: “A criança liga-se aos problemas sexuais com uma intensidade imprevista, e pode mesmo dizer-se que são esses problemas que despertam a sua inteligência”¹⁰. Como nota Adam Phillips, do ponto de vista da psicanálise, falar de religião e falar de sexualidade é falar da infância¹¹. Mesmo após conhecerem os factos verdadeiros sobre a sexualidade humana, as crianças têm a capacidade de continuar secretamente a acreditar nas antigas e fantásticas teorias que criaram. A ideia de um deus único e universal

¹⁰ Sigmund Freud. *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* (1905). [Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade]. Tradução de Ramiro da Fonseca. Lisboa: Livros do Brasil. 2001. 117.

¹¹ Adam Phillips. “Psychoanalysis and Idolatry”, in *On Kissing Tickling and Being Bored. Psychoanalytic Essays on the Unexamined Life*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 1994. 117.

pode parecer tão inconcebível para determinados povos como poderá parecer bizarro para uma criança associar o acto sexual à reprodução da espécie – Freud, nos ensaios sobre a teoria da sexualidade, é claro a esse respeito: antes de perceberem que um dos fins da sexualidade humana é a reprodução, as crianças descobrem cedo que a sexualidade permite, antes de mais, obter um prazer especial.

Numa das suas obras consideradas mais exóticas, *Moisés e o Monoteísmo*, Freud defende que a origem do monoteísmo judaico se encontra na figura histórica de Moisés. Essa defesa depende da inesperada conclusão de que Moisés não era um judeu, mas sim um egípcio. Nos dois primeiros ensaios que constituem a obra, Freud esboça uma biografia de Moisés com base na análise do seu nome (que seria de raiz egípcia) e nas teorias de Otto Rank sobre o mito do nascimento dos heróis. Moisés seria um egípcio proveniente da nobreza, ou mesmo da realeza, que a tradição teria tentado converter num descendente da tribo dos Levitas. Escreve Freud: “Um historiador não pode considerar a narrativa bíblica sobre Moisés senão como uma criação literária piedosa que alguma tradição remota transformou ao serviço das suas próprias tendências”¹². Freud defende que o início do monoteísmo judaico seria uma derivação de um episódio monoteísta da história egípcia, no qual um rei chamado Ikhnaton, adorador do Sol, terá tentado “impor aos seus egípcios uma nova religião, que se opunha às suas tradições milenares e a todos os seus hábitos de vida.

¹² Sigmund Freud. *Der Mann Moses und Die Montheistische Religion* (1939). [Moisés e o Monoteísmo]. Tradução de Isabel de Almeida e Sousa. Lisboa: Relógio d'Água Editores. 1990. 63.

Tratava-se de um severo monoteísmo, a primeira tentativa deste género na história universal (...), e com a crença num deus único nasceu também a intolerância religiosa”¹³. Sublinhe-se que Ikhnaton “não venerava o Sol como objecto material, mas como símbolo de um ser divino cuja energia se manifestava através dos seus raios”¹⁴. Moisés teria sido contemporâneo desse rei, e terá assimilado as suas crenças, que depois procurou transmitir aos Judeus. Para além da nova religião, Moisés teria introduzido entre os Judeus o costume da circuncisão (que surge neste livro de Freud como um “fóssil caracterizador”¹⁵ e um importante testemunho para as suas investigações).

Alicerçando-se na tradição bíblica e nas investigações de historiadores seus contemporâneos, Freud conclui que o Moisés egípcio terá sido assassinado pelo seu próprio povo, ao que se seguiu a fundação da religião de um deus vulcânico, Iavé, adorado pelas tribos judaicas das quais proveio o povo de Israel, e que mais tarde se veio a fundir com a religião monoteísta que Moisés trouxera do Egipto (Freud chama a atenção para a proximidade sonora entre o nome do deus Iavé e o de Júpiter ou Jove). O assassinio de Moisés terá gerado um sentimento de culpa que deu mais tarde lugar à veneração do homem assassinado, visto como uma figura messiânica, o que leva Freud a concluir que “o sentimento de culpa humano remonta à morte do pai primitivo”¹⁶. Estando convicto de que os fenómenos religiosos se podem

¹³ Sigmund Freud. *Idem*. 47.

¹⁴ Sigmund Freud. *Idem*. 49.

¹⁵ Sigmund Freud. *Idem*. 70.

¹⁶ Sigmund Freud. *Das Unbehagen in der Kultur* (1930). [O Mal-Estar na Civilização]. Tradução de Isabel Castro Silva. Lisboa: Relógio d'Água Editores. 2008. 92.

interpretar segundo determinados sintomas neuróticos do indivíduo, Freud descobre que o episódio ancestral do assassinio de uma figura paterna mais não é que o reflexo dos sentimentos ambivalentes que têm os homens pela autoridade (de um pai ou de um deus): por um lado, anseiam por ela e amam-na, por outro lado temem-na e odeiam-na. Para Freud, a crença religiosa consiste essencialmente no desejo de protecção e providência por parte de uma figura paterna, a que está associada a renúncia dos instintos motivada pelo medo de perder o amor do protector. Renunciar aos impulsos agressivos é, assim, condição necessária para ser civilizado. O que acontece ao nível mental é que a agressividade natural do homem é internalizada e dirigida para o próprio indivíduo e não para a autoridade externa (a do pai), dando origem à autoridade interna do super-ego, postulada pelos homens, com as funções de supervisionar as acções e intenções do ego e censurar os impulsos.

Freud afirma que, “em certos pontos o monoteísmo judaico tem um comportamento mais rigoroso ainda do que o egípcio, como, por exemplo, o de proibir inteiramente qualquer representação em imagens”¹⁷ de Deus. Essa característica da religião de Moisés é relacionada com aquilo a que Freud denomina a “crença na ‘omnipotência dos pensamentos’”, “expressão do orgulho da humanidade pelo desenvolvimento da fala, que teve como consequência um tão grande impulso nas actividades intelectuais”¹⁸. Isto quer dizer que o monoteísmo representaria um triunfo do intelecto sobre a

¹⁷ Sigmund Freud. *Der Mann Moses und Die Montheistische Religion* (1939). [Moisés e o Monoteísmo]. Tradução de Isabel de Almeida e Sousa. Lisboa: Relógio d'Água Editores. 1990. 54.

¹⁸ Sigmund Freud. *Idem*. 161.

sensualidade das religiões que associavam os vários deuses a elementos naturais, representando-os impunemente. A desqualificação da sensualidade a favor da abstracção manifesta na proibição da idolatria seria o sinal de um progresso em espiritualidade.

Apesar de relacionar o monoteísmo religioso com tendências políticas imperialistas e com a intolerância, Freud parece admitir que a vantagem do monoteísmo se encontra no triunfo do intelecto sobre o corpo. O monoteísmo representa assim a sublimação da sensualidade presente nas formas religiosas politeístas, nas quais os deuses são criados em íntima relação com os corpos. A identificação metafórica entre corpos e deuses (pensemos na descrição viquiana da criação de Júpiter) enquanto forma primitiva de explicação do mundo é substituída pela ideia de um deus universal, exclusivo e intolerante. Nesse sentido, e à luz das conclusões de Freud, o monoteísmo representa uma fase mais sofisticada da história da civilização. Se assim for, podemos pensar que a monogamia, consequência da emergência do pudor associado ao sentimento religioso, é também entendida por Vico como uma conquista importante dos primeiros homens, que se manifesta, apropriadamente, na diminuição do tamanho dos corpos dos gigantes.

Referências Bibliográficas

Aristóteles. *Poética*. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2008.

Sigmund Freud. *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* (1905). [Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade]. Tradução de Ramiro da Fonseca. Lisboa: Livros do Brasil. 2001.

Sigmund Freud. *Das Unbehagen in der Kultur* (1930). [O Mal-Estar na Civilização]. Tradução de Isabel Castro Silva. Lisboa: Relógio d'Água Editores. 2008.

Sigmund Freud. *Der Mann Moses und Die Montheistische Religion* (1939). [Moisés e o Monoteísmo]. Tradução de Isabel de Almeida e Sousa. Lisboa: Relógio d'Água Editores. 1990.

Bruce Mazlish. *The Riddle of History. The Great Speculators from Vico to Freud*. New York. Harper & Row. 1966.

Adam Phillips. "Psychoanalysis and Idolatry", in *On Kissing Tickling and Being Bored. Psychoanalytic Essays on the Unexamined Life*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 1994.

Bruno Snell. *Die Entdeckung des Geistes* (1953). [The Discovery of the Mind in Greek Philosophy and Literature]. Translated by T. G. Rosenmeyer. New York: Dover. 1982.

Donald Phillip Verene. "Freud's Consulting Room Archaeology and Vico's Principles of Humanity: A Communication", in *British Journal of Psychotherapy*, 13(4). 1997. 499-505.

Giambattista Vico. *Ciência Nova*. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2005.